Diário da Lagoa
notícias que contam

Ano VIII | Nº 94 | janeiro de 2022 | Periodicidade: Mensal | Diretor: Clife Botelho | www.diariodalagoa.pt | facebook/diariodalagoa | Preço: Gratuito

Lagoa com orçamento aprovado de 12,9 milhões de euros para este ano

Orçamento camarário passou com 19 votos a favor do PS e sete votos contra da coligação PSD/CDS-PP e PPM. Autarquia conta com menos 1 milhão e cerca de trezentos mil euros do que no ano passado **Pág. 15**

FOTO DL

Pai e Mãe Natal trazem centenas de prendas do Canadá para as crianças da Lagoa

Pág. 17

Mecânicos concretizam sonho

Dois jovens lagoenses participam em ralis em São Miguel
Pág. 7

Quinta da Paródia junta animais e crianças

Atividades pedagógicas promovem interação com mundo rural na Atalhada
Pág. 10

Como é a vida no seminário de Angra?

A entrevista na primeira pessoa do seminarista lagoense André Furtado
Pág. 3

PUB.

Editorial

Clife Botelho
Diretor

Novo ano, velho e bom senso

"Vigiar e Punir" é o título de um livro do filósofo Michel Foucault que me leva a reflectir sobre outra tese abordada noutro livro, o "Panóptico" de Jeremy Bentham. De forma sucinta, posso resumir que, referenciando estas obras, estou a reflectir na forma como a sociedade tem implementado, gradualmente, uma nova realidade. Em troca de nos sentirmos seguros, estamos a abdicar da nossa liberdade e privacidade. Cada vez mais, todos se vigiam uns aos outros. Parece que queremos separar o indivíduo dos outros e de si mesmo e, desse modo, qualificá-lo como normal ou anormal, saudável ou doente, bom ou mau. Nos dias que correm, quem mantém velhos hábitos arrisca-se a ser rotulado e colocado num saco à parte. Muitos para não serem rotulados, portam-se de acordo com as novas normas e, de repente, quando se dão conta, quase tudo é proibido.

Enquanto isso, para este ano, o preço dos bens essenciais vai subir, os tempos de espera para as cirurgias também, entre outras tantas coisas, e continuaremos distraídos com o vírus e os números, esquecendo outros problemas que merecem, também, cada vez mais, a nossa atenção.

As consequências da pandemia são vastas e afetam muitas áreas das nossas vidas.

Vejamos, por exemplo, a nível local, o aumento de casos de saúde mental ter levado à abertura de uma clínica dedicada à saúde mental na Lagoa, que noticiamos no mês passado.

A ameaça de um vírus passou a condicionar diariamente as nossas vidas e, um pouco por todo o mundo, apercebemo-nos de que as nossas liberdades e direitos fundamentais dependem da saúde pública. E, passou a ser normal aquilo que antes era anormal. Do mesmo modo, as famílias ficaram mais distantes umas das outras e, nós, açorianos, que temos família além destas ilhas, vimos que a maioria dos nossos que emigraram, deixaram de nos visitar, enquanto, por outro lado, as nossas crianças passaram a viver com o medo de abrir os braços aos avós e de respirar o "ar puro" que vendemos a quem nos visita.

O futuro, nesse campo, é cinzento e receio que outros males espreitem. Devido ao medo e alarmismo, decidimos construir muros à nossa volta e passados dois anos, muitos há que insistem que para conter a ameaça, o melhor é entrar em casa, fechar a porta e deitar a chave fora. É caso para recomendar, a quem tem a gentileza de me ler, a "Alegoria da Caverna" de Platão.

Cresci num mundo livre. Medidas que restringem a liberdade deixam-me apreensivo e profundamente triste, pois, pela liberdade há quem tenha, no passado, lutado com a vida. E, hoje, partilho do mesmo sentimento ao olhar para as nossas crianças que crescem numa sociedade doente, assintomática, que vive sem sentir que está viva. Neste ano que começa, é, por isso, preciso que o velho bom senso volte de novo aos nossos dias.

Contudo, em Santa Cruz, na Lagoa, vi algo que me deu esperança. Um casal vindo do Canadá, vestiu a pele do verdadeiro Pai e Mãe Natal. Com um simples gesto, que lhes saiu do bolso, devolveram às nossas crianças alguma normalidade.

Distribuíram presentes, sem pedir rigorosamente nada em troca, recebendo um brilho único nos olhos dos mais pequenos. Por momentos, as crianças esqueceram o medo em que têm andado envoltas e tiverem a liberdade para ser o que são, crianças.

Casa Batista vence concurso de montras na Lagoa

Rita, Natércia e Vitória trabalham na Casa Batista da Lagoa e foram as autoras da montra vencedora. A cadeia de lojas vende móveis, decoração de casa, roupa, calçado entre diversas coisas

SOFIA MAGALHÃES
COM CLIFE BOTELHO

FOTO CML

A menos de uma semana da véspera de Natal fomos visitar uma das lojas mais procuradas pelos lagoenses, a Casa Batista-Cordeiro & Batista, na Lagoa. O famoso "dia das montras" é uma tradição que já se cumpre há muitos anos um pouco por toda a ilha de São Miguel e desta vez foi a conhecida Casa Batista que, na opinião do júri, foi a mais criativa e original de todas as montras a concurso na Lagoa, organizado pelo NELAG - Núcleo de Empresários da Lagoa.

Apesar dos dias chuvosos a loja tem sido procurada nesta época natalícia desde o início de novembro. Ao entrar no espaço, verifica-se muita afluência de clientes e as lojistas empenhadas nas suas vendas.

Vitória Sousa, Natércia Rego e Rita Moniz são as autoras da montra vencedora da Lagoa. Utilizaram materiais naturais, como rolhas e erva-das-pampas (um tipo de planta) para embelezar a montra. Admitem que a montagem, devido à afluência de clientes, foi feita nas horas de almoço, não só porque gostam realmente do que fazem mas também porque os comentários positivos das pessoas ao passarem na loja motivou-as.

Rita admite que a inspiração para o processo criativo foi feita na internet e com os outros comerciantes para que não existisse uma grande divergência e sim uma harmonia nas montras, cujos prémios variaram entre os 300, para o primeiro lugar, e os 100 euros, para o terceiro classificado.

Vitória é a mais nova da equipa, com 29 anos. Apesar de estar há apenas quatro meses na loja da Lagoa, admite que a grande diferença nesta época natalícia entre o "comércio tradicional" e as grandes superfícies é o atendimento: "as pessoas aqui são mais nossas amigas, eu adoro isto, é muito diferente do que eu estava habituada, para não falar que me dá um horário onde tenho tempo para a família, deixo a minha filha na Ama e venho para cá". Rita partilha da mesma opinião de Vitória, gosta muito daquilo que faz, e admite que adotam uma política de igualdade na loja: "cada uma é responsável por si, não existe propriamente um chefe" e exemplifica, num tom de brincadeira, que cada uma tem uma tarefa "porque a chave não se divide em três".

FOTO SOFIA MAGALHÃES/ DL

Rita, Natércia e Vitória trabalham na Casa Batista

Rita Moniz é a "porta-voz" da equipa e conta-nos que está na Casa Batista há 15 anos. "Quando tinha 18 anos estava à procura de emprego e sempre gostei muito deste tipo de trabalho". A interação com os clientes diz ser a sua parte favorita, "quando era mais nova gostava muito de brincar às lojas e portanto fazia todo o sentido" enveredar por este ramo.

No Natal de 2020 a lojista diz que a loja teve procura, apesar de ter sido um ano complicado devido às infeções por covid-19. Rita comenta que tudo o que vai do armazém para a loja é retirado dos caixotes antes de ir para a loja: "não tivemos de adotar medidas muito diferentes porque antes do covid já se fazia isso".

Fomos tentar perceber quando é que os clientes começam a procurar os presentes ideais. As lojistas, em conversa com o DL, disseram-nos que as pessoas começam "quando recebem os subsídios", algumas ainda em novembro. Admitem que têm mais dois tipos de clientes, aqueles que vão fazendo as compras espaçadamente e aqueles que vão à última da hora porque não encontram o que estavam à procura nas grandes superfícies.

A entrevista terminou com uma fotografia das três vencedoras do concurso de montras e sem hesitar voltaram a pôr mãos à obra com um sorriso no rosto, mesmo que por baixo das máscaras.

Para além da Casa Batista, que ficou em primeiro, o segundo lugar foi atribuído ao Atelier Gorete Andrade e o terceiro à Óptica Mina.

“O seminário é a minha segunda casa”

Seminarista lagoense está a pouco mais de um ano de se tornar padre. Em entrevista ao DL, André Furtado, 25 anos, natural do Rosário, fala do seu percurso, nem sempre fácil, e do que entende que deve ser a Igreja nos tempos que correm

CLIFE BOTELHO

FOTO D.R.

André é natural da freguesia de Nossa Senhora do Rosário, na Lagoa

DL: Como surgiu a vontade de ir para o seminário?
Bem, não é fácil de explicar, porque são vários acontecimentos ao longo da nossa vida que nos vão marcando. Mas o grande momento, foi o exemplo que tive dos párocos desde a altura em que era acólito. Desde pequenino sempre tive este gosto pelas coisas de Deus e de saber mais sobre Deus. Depois de ter discernido e ter concluído o décimo segundo, criou-se esta vontade de ir para o seminário. Porquê? Porque eu gosto de estar com as pessoas e de servir as pessoas. E vejo na figura do padre, a pessoa ideal para estar ao serviço dos outros. Isto para mim é onde vou encontrar a minha felicidade, por isso é que entrei para o seminário.

DL: Depois dá-se a separação da família e vai para Angra do Heroísmo, na ilha Terceira. Como foi esse momento?
Sair do colinho da mãe, do calor de casa, dos amigos, não é fácil. Para quem vai para a universidade, também não é fácil. Sempre fica uma ligação por via telefónica, por e-mail, por via dessas comunicações sociais, mas não é a mesma coisa. Ganhamos uma maior autonomia. Vir para o seminário deixando a família, deixando os amigos não foi uma tarefa fácil, não vou mentir, mas com a ajuda dos professores, do diretor espiritual do seminário, fui sobrevivendo a esta dificuldade e acredito que ganhei uma maior maturidade.

DL: A adaptação foi fácil?
Foi um pouco difícil porque no seminário nós temos regras rigorosas, horários a cumprir, não só o horário escolar, mas também o próprio horário da comunidade. Viver em comunidade também é um pouco difícil. Nós chateamo-nos com alguém na escola ou no trabalho, vamos para casa e aquele problema fica no trabalho ou fica na escola. Aqui não, aqui é ao contrário, se nos chateamos com alguém estamos a ver essa pessoa 24 horas sob 24 horas. Crescemos, basicamente nós crescemos.

DL: Sente que no seminário criou uma família?
Sim, o seminário é a minha segunda casa, é a minha segunda família e já costumo a dizer que a ilha Terceira é a minha família. Durante os fins de semana temos o trabalho pastoral, isto é, vamos para as comunidades aqui na ilha Terceira, trabalhamos com estas comunidades e criamos amizade. “Os nossos pequenos hoje vêm para cima”, dizem eles. Há sempre este calor humano que nós sentimos. O que muitas vezes nos dá força para continuar nas alturas de fragilidade, nas alturas de crise vocacional.

DL: Ao longo desse tempo em que está no seminário, sentiu alguma vez que não era esse o caminho?
Sem dúvida que há momentos que fazem pensar se é isto que eu quero para a minha vida. Houve alturas que eu vacilei e até posso dizer que as malas estiveram atrás da porta para ir para casa. Nas alturas em que temos o retiro e o retiro mensal, isto faz-nos pensar, se é isto que nós queremos para a nossa vida. Reconheço isso, mas isso é importante porque faz-nos crescer e ter os pés bem assentes na terra.

DL: Considera que a formação que uma pessoa tem no seminário, mesmo que não se venha a ser padre, é para a vida?
Sim. A formação no seminário é rigorosa, assenta em três pilares: ao nível da espiritualidade, ao nível humano e intelectual, e ao nível académico, porque nós também temos que estudar as sagradas letras e a teologia para podermos responder à espiritualidade e podermos formar os nossos leigos. Os leigos devem ser o centro da Igreja.

DL: Recentemente teve um momento importante. O que significou para si e em que consistiu?
No passado dia 1 de novembro fui instituído, juntamente com dois colegas, no ministério de leitor, na Sé Catedral de Angra pelas mãos de D. João Lavrador, atualmente bispo de Viana. Foi o dia em que também D. João se despediu da diocese de Angra para um novo projeto. Esta instituição de leitor, e futuramente de acólito, é o primeiro grande passo para a ordenação presbiteral. Estas instituições de acólito e de leitor, são instituições laicais, para os leigos, que qualquer pessoa pode receber. Até ao ano passado somente os homens o podiam receber, mas o Papa Francisco mudou esta regra e agora estamos a entrar numa fase em que as mulheres também poderão ser instituídas. Mas no meu caso e dos meus colegas, foi o nosso primeiro grande sim à ordenação de diácono. Futuramente, para o próximo ano civil [2022], ainda não se sabe quando, haverá a próxima instituição de acólito. Depois, se Deus quiser, e os Homens deixarem, serei ordenado diácono e depois é a ordenação presbiteral.

DL: Sonha com esse dia?
Sim, atualmente ainda mais porque já estou há seis anos no seminário e para o ano será o último ano letivo. É claro que o sonho que eu tinha há uns anos atrás está mais perto e a responsabilidade é outra, perante os meus colegas, aqui no seminário, perante a sociedade, na ilha Terceira, e na minha terra, na Lagoa, porque já me vêm como futuro padre.

DL: Há falta de padres?
Na nossa região não há, a meu ver. Mas estamos a caminhar para a realidade de Portugal continental que já está com falta de padres há alguns anos.

DL: Considera que isso, em parte, se deve a um afastamento das pessoas em relação a Deus?
Não digo tanto a Deus mas pelos exemplos que a Igreja atualmente está a dar, afasta muita gente da Igreja. E nós como jovens, futuros padres, temos essa missão de reconstruir essa má fase que a Igreja está a passar. Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maiomé porque as nossas igrejas, ano após ano, estão a ficar um pouco vazias e o padre tem a responsabilidade de ir ao encontro.

DL: A Igreja tem de se reinventar?
A Igreja tem de acompanhar a evolução do mundo. Costumamos dizer que o nosso tempo não é o tempo de Deus. Aquilo que queremos, muitas vezes, não é o momento ideal de fazermos uma renovação. A pandemia veio abalar a fé. Muitas pessoas questionaram se isto não era um castigo de Deus, claro que foi um desafio, com as igrejas fechadas. Depois de passar a pandemia é que vamos ver o que é que ficou. Quando isto passar, vamos assistir a uma crise a todos os níveis.

DL: Isso não será um motivo para que as pessoas procurem ainda mais a Igreja?
Penso que será motivo para pararmos e refletirmos no que queremos da nossa vida. Isto é incerto, este tempo de duração da pandemia. Será um grande desafio e temos de ir ao encontro. A igreja é mãe e não gostamos de ver nenhum filho sofrer. Nenhum filho gosta de ver a sua mãe sofrer também e a Igreja deve ir ao encontro. Se é aquela que se fecha, esqueceu o seu caráter de missão, evangelização, deixou de ser Igreja. Tem de ir à periferia que tanto fala o Papa Francisco.

DL: Vê com bons olhos uma maior participação das mulheres na vida da Igreja?
Sim, concordo com a visão do Papa Francisco. Se repararmos, atualmente, a maioria que está na Igreja são mulheres, nos grupos corais, catequistas, na assembleia. Se isto é a realidade porque não a mulher ter um papel mais importante na Igreja? É muito importante deixarmos de pensar que só o homem é que é importante. E o Papa Francisco está a dar atenção às mulheres realçando isso.

DL: A futura atribuição de uma paróquia fora de São Miguel assusta-o?
Desde o Corvo a Santa Maria, uma delas poderá calhar. Se me mandarem para o Corvo, uma ilha pequenina, sei que vai ser um trabalho difícil, mas é povo de Deus. Se for para São Miguel, é povo de Deus também. Se eu tenho esta finalidade de ser feliz e dar a minha vida aos outros, claro que implica riscos mas quero servir este povo de Deus, seja onde for.

NOVIDADE
Um vinho sem igual nos Açores.
Feito de uvas exclusivamente Açorianas.
Com estágio final em Madeira.
Licoroso. E envelhecido.
Único.
ILHA·BELLA
VINHO LICOROSO
DESSERT WINE

TEMOS O MELHOR PREÇO
Todo o tipo de seguros
Parcerias com todas as seguradoras
Várias redes médicas de seguros de saúde
HORÁRIO ALARGADO
de segunda a sexta
09H00 - 12H30
13H30 - 18H00
aos sábados
09H00 - 13H00
VISITE A NOSSA LOJA
APRESENTAMOS AS MELHORES SOLUÇÕES DE SEGUROS
ASSISTÊNCIA 24 HORAS
7 DIAS POR SEMANA
• Seguro Automóvel
• Seguro Casa
• Seguro de Vida para Crédito Habitação
• Seguro de Saúde
• Seguro Dentário
• Seguro Acidentes Pessoais
• Seguro Acidentes de Trabalho
• Seguro Empresas
• Muitos Outros
(+351) 296 098 000
geral@gestaodeseguros.com
www.gestaodeseguros.com

RECOLHA DE RESÍDUOS
PORTA A PORTA
DE 2ª FEIRA A 6ª FEIRA
2ª FEIRA
PAPEL/CARTÃO
PLÁSTICO/METAL
RECOLHA DE VERDES
Por solitação prévia: 296 960 600
3ª FEIRA
INDIFERENCIADOS
SE RECICLAR A
LAGOA
FICA A
GANHAR!
4ª FEIRA
VIDRO
5ª FEIRA
PAPEL/CARTÃO
PLÁSTICO/METAL
6ª FEIRA
INDIFERENCIADOS
RECOLHA DE MONSTROS
Por solitação prévia: 296 960 600
Lagoa
município

JOVEM+
CARTÃO MUNICIPAL LAGOA
JOVEM+
CARTÃO MUNICIPAL LAGOA
JEREMIAS DIAS
N.º 1234
WWW.LAGOA-ACORES.PT
/ GRATUITO
/ JOVENS DOS 12 AOS 30 ANOS
/ BENEFÍCIOS MUNICIPAIS E NO COMÉRCIO LOCAL!
Estás à espera de quê?
www.lagoa-acores.pt
296 960 600
Lagoa
município
freepik

“Os Açores são um ponto bastante maiúsculo no meio do Atlântico”

O jornalista e escritor luso-brasileiro, Igor Lopes, esteve à conversa com o Diário da Lagoa (DL) a propósito do seu mais recente livro sobre o arquipélago, o “Açores em Cores”. Desvenda um pouco sobre a sua próxima publicação, fala de como ficou a conhecer os Açores e da relação entre duas realidades que tão bem conhece: a portuguesa e a brasileira

CLIFE BOTELHO

FOTO D.R.

Jornalista Ígor Lopes apresentou o seu mais recente livro “Açores em Cores” em Ponta Delgada

Ígor Lopes é jornalista, escritor e analista de redes sociais entre Brasil e Portugal. É Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior, Mestre em Comunicação e Jornalismo pela Universidade de Coimbra, Especialista em Gestão de Redes Sociais e Comunidades para Jornalistas pela Universidade de Guadalajara, México, tendo-se licenciado em Comunicação Social, na vertente Jornalismo, no Rio de Janeiro, pela FACHA.

É membro da Academia de Letras de Teófilo Otoni (ALTO), da Eco Academia de Letras, Ciências e Artes de Terezópolis de Goiás (E-ALCAT), da Academia de Letras e Artes de Paranapuã (ALAP), da Academia Luso-Brasileira de Letras (ALBL) e da Academia de Letras e Artes da Guiné-Bissau (ALAB). Foi condecorado no Brasil e em Portugal por diversas instituições e quisemos conhecê-lo um pouco melhor.

DL: Como surge a sua ligação com Portugal?

É uma ligação de sangue e de alma, diria. Nasci no Rio de Janeiro em 1980 e a minha família toda é de Portugal continental. A parte materna da família é de Armamar e a parte paterna é do distrito de Vila Real. Já pequenino me lembro de acordar no Rio de Janeiro, terra de samba, ouvindo Amália Rodrigues na vitrola, no andar de baixo da casa, com aquele cheirinho de comida portuguesa em casa. Eu sempre vivi nesse limbo da luso-brasilidade, já não me considero nem de lá nem de cá, estou nessa meiuca, nesse meio.

DL: Depois decide ir estudar para Coimbra.

Exato. Quando terminei a licenciatura em Comunicação Social, com habilitações de jornalismo, falei para os meus pais: eu preciso tentar a oportunidade de viver em Portugal, de sentir mais Portugal do que eu sinto aqui à distância. Tinha 23 anos e foi a melhor decisão que tomei. Fui viver para a zona de Lamego, Peso da Régua e de imediato, mal chego, encontro uma oportunidade profissional na minha área.

Fiquei até 2010, quando concluí o mestrado na Universidade de Coimbra. Depois volto para o Rio de Janeiro, fico alguns anos trabalhando em Comunicação e em algumas empresas ligadas ao Governo do Brasil e agora estou mais por Portugal continental, na Covilhã, fazendo doutoramento em Ciências da Comunicação.

DL: Como foi até escrever o “Açores em Cores”?

Eu sempre me dediquei a livros-reportagem, são livros jornalísticos que abordam um tema central, sempre conectando, no caso, Brasil e Portugal. Em 2017 venho aos Açores, pela primeira vez, a um congresso de jornalistas. Eu sou sincero, falei, ‘vou conhecer uma parte de Portugal que eu não conhecia’ e quebrei a cara porque isso aqui é o paraíso. Quando você chega aos Açores e vê as paisagens que o arquipélago tem, as características das ilhas, coisas que os brasileiros procuram a milhas de distância do Brasil, na Dinamarca, Suécia, em países nórdicos no geral. Aqui você tem isso a tão pouco tempo de distância do Rio de Janeiro, eu falei, eu tenho que escrever um livro sobre o arquipélago. Fiz o “Açores em Cores, belezas, contornos(?) e potencialidades” tentando divulgar para brasileiros luso-descendentes e açor-descendentes, a importância do arquipélago e as suas características principais para quem quer viver, trabalhar, estudar ou investir nos Açores. Entrevistei os principais líderes de vários segmentos justamente para mostrar que os Açores são pujantes e não ficam, de todo, condicionados à condição insular.

DL: Chegou a essa conclusão depois da investigação que fez para o livro?

Sim. Os Açores estão abertos para o mundo. Os Açores são um ponto bastante maiúsculo no meio do Atlântico.

DL: Sente que entre Portugal e o Brasil se está a fazer uma ponte com o seu trabalho?

Espero que sim. O meu propósito em todos os meus trabalhos jornalísticos e na literatura é conectar Brasil e Portugal. E olho os Açores com um carinho especial pela cultura que a gente observa nas Cass dos Açores no Brasil. É como um filho que merece ser mais olhado, mais acarinhado e é esse o momento que eu estou a viver.

A grande riqueza da língua portuguesa não é ela ser falada por 240 milhões de habitantes. O mais interessante é a diversidade dentro do mesmo quadro linguístico. Eu fico instando as pessoas que a língua portuguesa é uma única língua mas premiada por falantes de várias culturas.

DL: Como vê o futuro? Já há planos para um novo livro?

Já. Eu vou no quarto livro autoral e já tenho o quinto que está sendo impresso. Meio exclusivo, posso dizer que é um livro em que eu retrato as Festas da Agonia, em Viana do Castelo, para brasileiros e luso descendentes. É uma festa que acontece em Viana do Castelo que se vive no Brasil isoladamente. Explico o que é, a sua programação, falei com alguns responsáveis dos bastidores das festas. É um livro que tem o apoio da câmara municipal e a previsão é que em fevereiro a gente consiga colocar o livro nas ruas.

DL: De que forma a pandemia afeta um escritor?

Afeta, acho que, positivamente porque te dá tempo para você criar, escrever. Para mim a pandemia foi fundamental para pensar em novos temas, novos livros.

DL: Enquanto jornalista, como vê a imprensa entre o Brasil e Portugal?

Muito pouco conectados. Deveriam estar muito mais próximos. Podíamos ter uma unidade maior, em termos comunicacionais, literários e eu não vejo essa aproximação. Até há 10 anos você comprava um computador em Portugal com Windows em português sul americano. Hoje você já vê computador com a palavra ficheiro em vez de arquivo, que a gente usa no Brasil. Na imprensa, as pessoas não dialogam. Os jornalistas não dialogam.

DL: Como se sente quem está no meio?

Eu tenho uma visão mais contaminada dos dois lados. Mas posso garantir que os brasileiros olham para Portugal com muito carinho. O brasileiro migra muito para Portugal procurando segurança e qualidade de vida mas também porque tem cá as suas raízes familiares. E Portugal olha para o Brasil como um filho. Basta os dois países se conhecerem mais. Portugal, em muitos locais do globo, continua a ser o país do bacalhau e do fado, e o Brasil, do samba e do Carnaval. E temos muito mais. Temos várias empresas operando dos dois lados do Atlântico com muito sucesso e é isso que precisamos de preservar e fortalecer.

DL: Se Portugal e o Brasil se juntarem a vários níveis, podem criar uma presença mundial mais forte?

Muito mais forte. Tem de ser uma união coordenada em busca de algo comum. Tem que ser feito um trabalho de fortalecimento do Mercosul, do enquadramento da União Europeia, para que Portugal e o Brasil possam ser um elo importante. O Brasil pode ajudar muito Portugal. A gente precisa mostrar que se conhece muito mas sabemos muito pouco sobre os outros. Esse é um trabalho que eu faço com muito prazer. O dia em que eu deixar de fazer isso, estou deixando a minha essência de lado.

Patrões concretizam sonho de criança de dois mecânicos lagoenses

Os mecânicos Ruben Borges e Ruben Silva realizaram o sonho de participar no Azores Rallye com a ajuda dos patrões Ricardo Pereira e Paulo Pereira. Para estes cabouquences o Azores Rallye foi um "abre olhos" e o Além Mar Rali uma grande vitória

FOTO CML

Dupla lagoense corre com o carro Skoda Fabia RS TDI

FOTO D.R.

Ruben Borges e Ruben Silva são apaixonados pela velocidade das quatro rodas

SOFIA MAGALHÃES
COM CLIFE BOTELHO

Numa manhã de segunda-feira o Diário da Lagoa (DL) foi até à Auto Central onde Ruben Borges e Ruben Silva mostraram-nos onde trabalham no seu Skoda Fabia RS TDI e contam-nos um pouco sobre eles e a participação no Azores Rallye 2021 e no Além Mar Rali, que passou pela Lagoa.

Ruben Borges, 37 anos, é um mecânico apaixonado pelo que faz, e piloto de rali. Ambos os jovens mecânicos são naturais do Cabouco, Lagoa, e juntaram-se para concretizar o seu sonho de criança ao integrar o Azores Rallye. Após esta participação, Ruben Borges e o seu co-piloto, Ruben Silva, admitem que foi uma subida na carreira por ser muito dispendioso frequentar este tipo de provas, sendo que esta teve um investimento de quase 8.000 euros. Apesar de terem patrocínios, os mecânicos afirmam que não foi suficiente, "mais de 50% é tirado do nosso bolso".

Esta corrida convida sempre pessoas de todo o mundo para virem até à ilha de São Miguel e o grande objetivo era terminar os troços e "darmo-nos a conhecer" admitem. No segundo dia de prova despistaram-se ao fazer uma travagem tardia. O piloto comenta que ainda lhe custa relembrar o dia do acidente, "estava imenso nevoeiro, muita chuva, muita lama, nunca conseguimos andar à velocidade que queríamos" para além de ser uma enorme responsabilidade para chegar com o carro intacto até ao fim.

No segundo dia, Ruben Borges admite que andaram um pouco melhor, mas infelizmente "acabou por exagerar" travando muito tarde numa curva onde o piloto admite que o seu co-piloto sinalizou, "travei muito tarde o carro saiu de frente e a partir daí não deu para continuar". O amante de rali confessa que quando chegou a casa foi "como se tivesse vindo de um velório".

Ruben Silva é o co-piloto desta dupla e a figura que indica ao piloto as questões a ter em atenção durante todo o troço. Tem 31 anos, é natural do Cabouco, Lagoa, e é mecânico desde os 16 anos. Admite que namora o rali desde os seus 15 anos, mas que sempre soube que "é necessário muita responsabilidade, muito conhecimento, investimento e talvez uns padrinhos que nos ajudem. Nós temos os nossos patrões que alimentaram esse namoro, eles é que nos deram a namorada para podermos caminhar". O co-piloto não consegue esconder que quando vai dentro do carro está num pico de adrenalina e que se consegue abstrair de tudo. "O carro quando pára, a emoção vem toda, é o descarregar de energia, as lágrimas vinham-me aos olhos eu não estava a acreditar que estava a fazer aquele rali", assegura.

Ao entrar na oficina só se ouve o barulho das ferramentas a cair no chão, todos os trabalhadores muito focados, cada um no seu trabalho. No piso superior encontramos a tal "menina" que os levou às pistas do Azores Rallye, e onde o DL teve a oportunidade de perguntar a quantos quilômetros por hora normalmente andam. Ambos responderam que carros como o caso do Skoda Fabia RS TDI por serem "antigos não contam os quilómetros, por um lado é bom para não sabermos a que velocidade vamos", garantem.

> "(...) tivemos de parar o carro, inclusive ainda tenho as marcas de tentar resolver o problema"

A última prova realizada pelos jovens cabouquences foi a 26 de novembro, o Além Mar Rali, que já ronda um investimento de 2.700 euros. A conversa com o DL aconteceu ainda antes desta data. Os amantes da alta velocidade estavam já confiantes que iriam terminar mas sabem que, "numa fase de aprendizagem do carro ainda não conhecemos os pormenores, não sabemos por exemplo até que ponto podemos travar tarde. Nós treinamos mas temos muita pouca rodagem no carro porque a nossa equipa é composta por nós os dois" ao mesmo tempo são eles quem sujam as mãos de graxa e que trabalham no carro.

Os patrões, Ricardo Pereira e Paulo Pereira, são quem lhes faculta a tal "namorada Skoda" e as instalações para trabalharem no carro quando terminam o seu trabalho.

Numa outra conversa, já depois do Azores Rallye, fomos novamente ao encontro de Ruben Borges e Ruben Silva, desta vez para falar sobre o Além Mar Rali. Os dois amigos asseguram que a diferença entre uma prova e outra foi a confiança, "sentimo-nos mais confiantes, tanto um no outro como no carro".

Nos passados dias 27 e 28 de novembro Ruben Silva e Ruben Borges competiram no Além Mar Rali e venceram na classe X4. Infelizmente na manhã de domingo o carro chegou ao final do primeiro troço do Pico da Pedra, com a temperatura a subir: "tivemos de parar o carro, inclusive ainda tenho as marcas de tentar resolver o problema, acabamos por perceber que não era possível resolver porque tínhamos um fio partido". A equipa iniciou outra forma de arrefecimento do carro, tirando a pressão, despejando água conseguindo assim terminar os outros dois troços da manhã, perdendo mais de um minuto de corrida. De 22 carros apenas 16 chegaram ao fim do rali.

O co-piloto confessa que quando viu que o carro estava a sobreaquecer "só conseguia chorar por achar que aquele era início do fim".

Ruben Silva relembra que receberam algumas críticas no Azores Rallye que foram um "abre olhos", mas garante que após o Além Mar as pessoas vieram "ter connosco dizer que viemos a voar por aí fora, o ego aumentou imenso" confessa.

Os apaixonados pelas quatro rodas já pensam na próxima prova e contam ao DL que já estão a pensar no próximo Azores Rallye: "estamos em fase de reunir todo o financiamento que é necessário" não esquecendo também que é necessário abrandar e "esta é a fase para isso".

RESTAURANTE
AA
ASSOCIAÇÃO AGRÍCOLA
RESTAURANTE DA ASSOCIAÇÃO AGRÍCOLA
D'ASSOCIAÇÃO
HORÁRIO
RESTAURANTE: TODOS OS DIAS
DAS 12H00 ÁS 15H00 E DAS 19:00 ÀS 22:00
(DE ACORDO COM AS RECOMENDAÇÕES DA DRS - DIREÇÃO REGIONAL DA SAÚDE)
WEBSITE: WWW.RESTAURANTEAASM.COM
/RESTAURANTEAASM
RESERVAS
296 490 001
925 248 307
MARCO COSTA 926 385 995

AutoCentral
ESTRADA DOS PORTÕES VERMELHOS 20
9560-450 ROSÁRIO - LAGOA
NOVAS INSTALAÇÕES
Mecânica - Mudanças de Óleo - Revisões Gerais Eletrecidade
Baterias - Carroçaria - Chapa - Pintura Alinhamento
Substituição Vidros e Pára-Brisas
ORÇAMENTOS GRÁTIS
REBOQUE
24H
AÇOREANA
Telf: 296 960 170 / 96 250 40 65 - autoccentral@hotmail.com

BIOCALCE
MuroSeco
BIOCALCE® MUROSECO
REABILITAÇÃO DE PAREDES
HÚMIDAS E SALINAS
Biocalce® MuroSeco:
simplicidade e segurança para
a solução definitiva da
humidade capilar
em paredes.
KERAKOLL
The GreenBuilding Company
Costa Pereira e Filhos, Lda.
materiais de construção
Tel:296 960 200 - www.costapereira.pt

UM FELIZ NATAL E UM PRÓSPERO ANO NOVO
"É CONFIANDO NOS AÇORES, NOS AÇORIANOS E NA AÇORIANIDADE,
QUE AVANÇAMOS DESTEMIDOS NO FUTURO"
José Manuel Bolieiro
PRESIDENTE DO GOVERNO DOS AÇORES
GOVERNO
DOS AÇORES
AZORES.GOV.PT

Animais e produtos agrícolas proporcionam aprendizagem e diversão na Quinta da Paródia

MARIA LEONOR BICUDO/ DL

Crianças podem tocar e alimentar vários animais de forma pedagógica

Veterinária desenvolve exploração agrícola com atividades de observação e participação para crianças e famílias. Porcos, cabras, cavalos, vacas, coelhos, galinhas e patos são alguns dos habitantes sobre os quais se aprende de forma divertida na Quinta da Paródia, na Atalhada

MARIA LEONOR BICUDO

A Quinta da Paródia é um parque rural de entretenimento educativo há muitos anos idealizado por Sofia Borrego. Com origens micaelenses, a médica veterinária nascida e criada em Lisboa mudou-se para São Miguel e ao identificar que "cá havia uma lacuna no que toca a quintas pedagógicas e espaços de lazer para crianças e famílias" comprou o terreno e, graças a apoios do PRORURAL+, conseguiu arrancar com as atividades recreativas em 2019.

Quem espreita pelo portão cinzento do lado de fora da rua, não imagina o que o edifício da entrada esconde atrás de si. Mas o Diário da Lagoa foi descobrir.

Quinta dinamiza visitas guiadas com marcação

Com as portas abertas para visitas agendadas, entrámos na quinta com uma turma do pré-escolar do Colégio S. Francisco Xavier. Aos pares, de mãos dadas, as 23 crianças vinham acompanhadas de três educadoras.

Para lá da entrada, juntos descobrimos a enorme quinta que é composta por vários compartimentos divididos por muros de pedra onde se encontram os animais.

A visita começou pelos porcos anões. Matata, toda preta, e Pua, malhada de preto e rosa, são duas porquinhas meiguinhas, mas também um pouco tímidas. Com a turma de crianças de cinco anos a correr de entusiasmo para as verem de perto, Matata e Pua rapidamente fugiram.

O monitor da quinta, Nuno, distribuiu por cada criança um pedaço de abóbora para alimentarem as porquinhas e explicou que tinham de esperar que elas o viessem buscar. A medo, Matata foi avançando e Pua seguiu-a. Sem conter a euforia, as crianças gritavam de alegria e os suínos voltavam a recuar. Nestes avanços e recuos, um ronco da Matata gerou a risada entre os meninos que a imitavam.

Atividades proporcionam interação com os animais

Dos porquinhos a turma passou para a cerca dos coelhos. Depois de pedir que a turma se sentasse nuns troncos, o monitor colocou alguns coelhinhos no colo das crianças, que tiveram a oportunidade de os ver e acariciar, atividade que, segundo Sofia Borrego, vai ao encontro do objetivo do projeto de "contribuir para a interação com os animais e contacto com a natureza".

"Eu quero pegar no Caramelo", pediu Manuel, um dos meninos da turma, que batizou o coelhinho com esse nome devido à sua cor. Os coelhos iam passando de colo em colo e, enquanto as crianças que os tinham soltavam sonoras gargalhadas de felicidade, as outras aguardavam ansiosamente a sua vez.

"Vamos ver os próximos animais" era o anúncio do monitor que todas as vezes deixava a turma em êxtase. De sorriso de orelha a orelha, prontamente davam as mãos aos colegas e formavam fila para seguir para a parcela seguinte.

Quando perceberam que os animais que se seguiam eram cabras, em coro os meninos apontaram e cantarolaram "é a cabra cabrês, que te salta em cima e te faz em três". O monitor deu um saquinho de ração a cada criança e exemplificou: "façam uma conchinha com a mão e deem-lhes a comida". Uns mais destemidos avançaram logo com a mão à boca das cabras e das ovelhas. "Elas fazem cócegas na mão", exclamavam as crianças. "A mim estão a babar-me todo", respondia o João Benjamim.

Ao lado estavam as galinhas que de um lado para o outro aproveitavam para apanhar os grãos que caíam ao chão. Das galinhas passou-se aos patos que ao se banharem no lago deslumbraram as crianças.

Transmissão de informação sobre os animais promove caráter educativo

No fundo da quinta há uma zona rochosa, onde de rochedo em rochedo, outras cabras e bodes saltitam. O monitor perguntou como se distingue a cabra do bode. Estas são questões propositadamente colocadas porque "o entretenimento com caráter educativo é um conceito que defendemos bastante, pelo que importa proporcionar atividades recreativas, mas também pedagógicas", expõe a proprietária da Quinta da Paródia.

À frente de mais um curral de porcos o monitor voltou a colocar uma questão: "para que servem os pelos do porco?". Foi com admiração que as crianças ouviram a explicação de que "as cerdas podem ser utilizadas para fazer pincéis como os que usam na escola".

Satisfeitos, os meninos batiam palmas e diziam "esta quinta tem animais infinitos". E ainda nem tinham visto as vacas, os cavalos, os póneis e os burros. Ao chegar ao estábulo ao ar livre, um dos meninos fascinado afirmou: "nunca tinha visto um cavalo, só no telemóvel da minha mãe". "É lindo, não é?", perguntou-lhe o colega que também nunca tinha visto um. Ambos acenaram sorridentes.

Por fim, tiveram ainda a oportunidade de dar biberão a dois cabritos, que abanavam a cauda enquanto bebiam o leite.

Antes de terminar a visita, a turma passou pelo parque infantil da quinta e brincou nos trampolins, escorregas e baloiços. Tanto as crianças como as educadoras despediram-se da propriedade manifestando o desejo de regressarem com as famílias.

Atividades agrícolas ensinam como e de onde vêm os alimentos

Noutras alturas do ano, este parque rural disponibiliza ainda atividades agrícolas, como a colheita de morangos e abóboras. "Há sempre um objetivo educativo de mostrar às crianças de onde vêm os alimentos e os seus ciclos de produção e de divulgar a agricultura biológica", realça Sofia Borrego.

Em visitas mais longas, há ainda outras atividades como passeios de pónei na mata e a ordenha de modelos fictícios de vaca e de cabra, mas de tamanho real. "É uma forma de experimentarem a ordenhar e perceber de onde vem o leite sem risco de coices. É uma brincadeira educativa", refere a médica veterinária.

Além disso, há também brinquedos como tratores a pedais da qual as crianças podem usufruir. "São brinquedos temáticos relacionados com a vida na quinta e que ajudam a promover o exercício físico e as atividades ao ar livre", acrescenta. Estes são alguns dos equipamentos utilizados para divertir as crianças nas festas de aniversário dinamizadas na quinta.

Devido à pandemia, o parque rural encontra-se apenas a realizar atividades por marcação para grupos que já convivem habitualmente. "A nossa ideia inicial era ao domingo estarmos abertos e o público podia adquirir os bilhetes e visitar a quinta livremente. Mas como não queremos promover o contacto de pessoas de diferentes agregados, optámos por organizar visitas guiadas particulares para famílias ou meninos da mesma turma, sem misturar outros grupos", esclarece a proprietária.

Futuramente, Sofia Borrego planeia começar um programa de ocupação de tempos livres para crianças, campos de férias, cursos e workshops.

REPSOL
-10*
cêntimos/litro
AUTOVOUCHER
ESTAÇÃO DE SERVIÇ
REPSOL
POSTO
Lagoa
EM FRENTE AO POLIDESPORTIVO
ROSÁRIO
* PRESSUPÕE ADESÃO E ACEITAÇÃO DOS TERMOS E CONDIÇÕES DO PROGRAMA AUTOVOUCHER – WWW.IVAUCHER.PT
EXCLUSIVO PARA PAGAMENTOS COM CARTÃO DAS ENTIDADES ADERENTES (LISTA DISPONÍVEL NO INTERIOR DO POSTO). LIMITADO A UM VALOR DE 5€/MÊS
REPÚBLICA PORTUGUESA
SaltPay

MEO | Lagoa
Campanha de abertura da nova Loja Meo Lagoa.
-10%*
na compra de Smartphones
NOVA MEO LAGOA
5G
altice
* OFERTA de 10% na compra de smartphones, em Vale de Combustível - Promoção válida até 31/01/2022
Av. Infante Dom Henrique N.º 44, 9560 Lagoa (No Posto Repsol, junto ao Polidesportivo do Rosário)

NARRATIVA FREQUENTE

Se não é visto,

não existe.

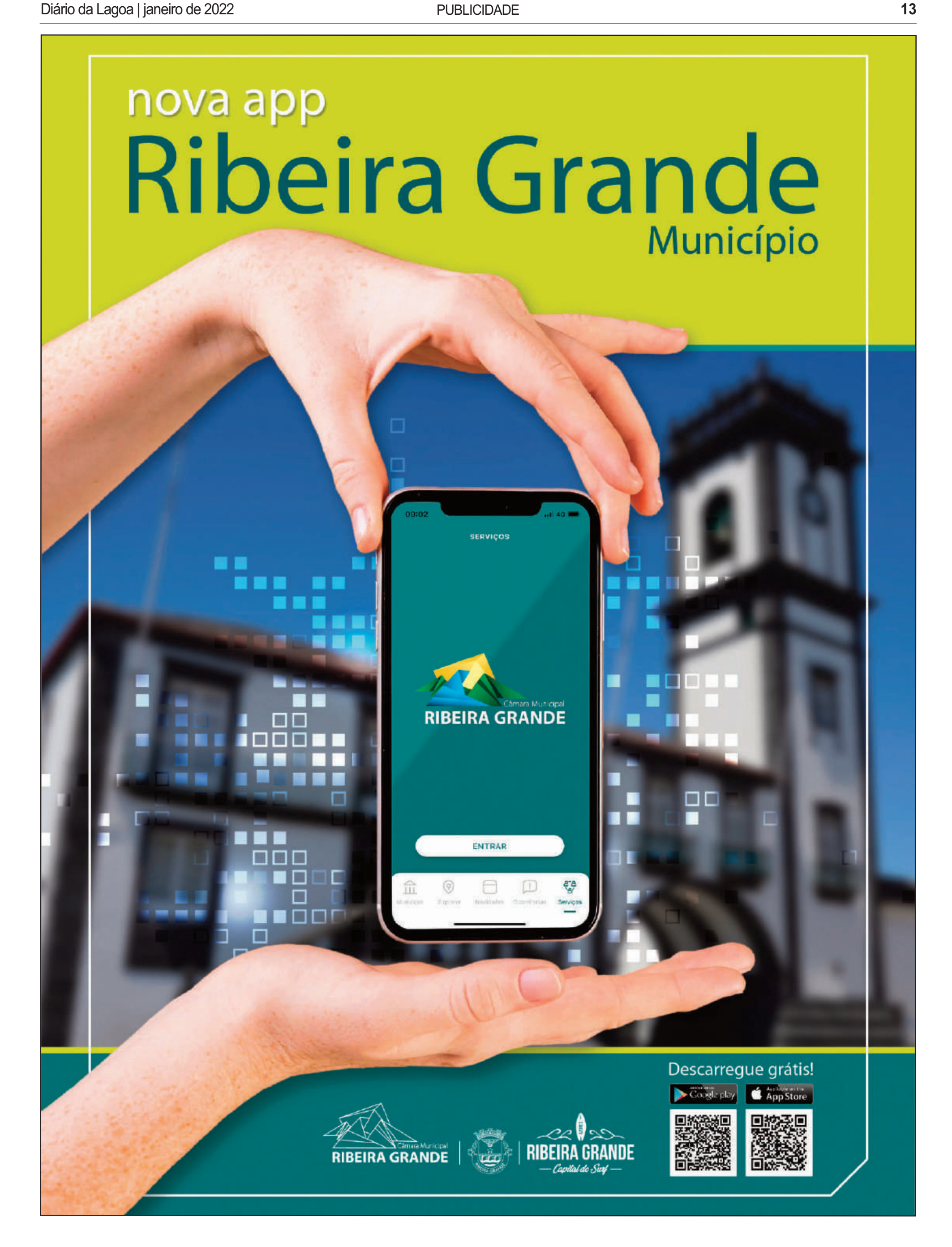
Publicite e promova a atividade da sua empresa no Diário da Lagoa.

Edição impressa 1.000 EXEMPLARES

Edição on-line 40 MIL VISITAS/MÊS

+351 910 098 100

publicidade@diariodalagoa.pt


nova app
Ribeira Grande
Município
09:02
SERVIÇOS
Câmara Municipal
RIBEIRA GRANDE
ENTRAR
Serviços
Descarregue grátis!
Google play
App Store
Câmara Municipal
RIBEIRA GRANDE
RIBEIRA GRANDE
Capital do Surf

“A diáspora portuguesa é como um fruto de uma árvore transplantada”

Os relatos dos avós eram “de tempos duros, de tentar ganhar a vida, e todas as razões que os levaram a emigrar”, uma história comum a tantos lusodescendentes

FOTO D.R.

Escritora Milicent Borges Accardi, com raízes na Terceira, lançou livro inspirado em poesia portuguesa

INÊS LINHARES DIAS

Na vida de Millicent, como na de tantos emigrantes, a narrativa do passado contrasta com a do presente: “Tudo o que ouço é sobre a exuberância dos Açores, quão lento é o ritmo e que é como viver num paraíso”.

“Os netos e os bisnetos dos emigrantes lusos, tudo o que queremos é voltar”, conta ao DL Millicent Borges Accardi.

A poeta lançou em outubro “Through a Grainy Landscape”, pela New Meridian Press.

Muitos dos poemas são inspirados em versos de poesia portuguesa ou luso-americana.

“A inspiração, para mim, foi a escrita como um ponto de entrada para perceber a cultura que eu ansiava conhecer melhor. Parece que, independentemente da geração, os portugueses sentem perpetuamente falta de casa e que têm uma ânsia pelo que está ausente, é essa a natureza da saudade de que se ouve falar”.

Foi a partir dessa ideia, mas também na tentativa de responder a “como é que alguém pode ser ‘eu’ e ‘outro’ ao mesmo tempo?” que nasceram os poemas de “Through a Grainy Landscape”.

Essa é uma questão que a própria coloca, mas que “todos procuramos”, considera a escritora.

Para além disso, “nos versos da poesia de autores portugueses”, foi “também inspirada pelas imagens de isolamento e tristeza, mas também de um sentido de humor subjacente, do que não pode ser. Talvez um vazio de que estamos todos à espera e a tentar encontrar”.

O escritor Frank X. Gaspar considera que “este é um livro vital para quem tem uma herança cultural portuguesa, mas é também um livro importante para leitores americanos de qualquer contexto ou tradição. Traça uma ponte estética entre culturas”.

O livro é dedicado a George Monteiro e Christopher Larkosh, que Millicent descreve como dois dos seus “heróis literários”.

Ao Diário da Lagoa, explicou que o são “não tanto pelo seu trabalho no mundo luso, que é brilhante, mas pelo desejo por uma vida académica e criativa” que os escolheu como “mentores”.

George Monteiro foi professor da Universidade de Brown, onde impulsionou os Estudos Portugueses, e foi um dos seus primeiros “amigos literários”, conta.

Christopher Larkosh também ensinou Estudos Portugueses, mas na Universidade de Massachussetts, e era um “grande fã do que estava a ser escrito atualmente por escritores luso-americanos no século XXI”.

O interesse pela literatura portuguesa começou numa viagem a Lisboa em que diz ter-se apaixonado pela poesia de Nuno Júdice, depois de ter ouvido uma das suas leituras.

“Pouco depois, descobri um ‘site’ incrível, chamado Poems from the Portuguese, com poesia de autores portugueses traduzida. O ‘site’ foi fundado a partir de uma ideia do Guilherme d’Oliveira Martins, presidente do Centro Nacional de Cultura, e é gerido pela Ana Hudson, com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian”.

Foi também através da literatura portuguesa que foi aprendendo sobre a sua herança cultural.

Para esse percurso, foram importantes autores como Rosa Alice Branca, Jacinto Lucas Pires e José Luís Peixoto, tendo entrevistado os últimos dois, ou o “revolucionário” livro de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, “Novas Cartas Portuguesas”.

Millicent é também uma das fundadoras da cooperativa Kale Soup for the Soul, um instituto fundado em 2011, que promove arte portuguesa e que já mostrou mais de 30 escritores portugueses ou lusodescendentes em cidades como Boston, Seattle, Providence, New Bedford, Albuquerque, Iowa City, Newark, São Francisco, ou São José.

> “Eu sempre fui curiosa sobre de onde tinha vindo. O que eu sabia era que o meu pai tinha sido adotado (...) quando era pequeno.”

Considera que “a diáspora portuguesa é como um fruto de uma árvore transplantada, embora os ramos sejam diferentes, eles continuam a ser alimentados pela mesma raiz”.

Muita dessa diáspora, nos Estados Unidos, é originária dos Açores, como a família da escritora, que vem da ilha Terceira.

O arquipélago faz parte do imaginário de muitos dos escritores que promove, mesmo aqueles que nunca o visitaram, como Millicent, que apesar de já ter estado várias vezes em Portugal, o estado de saúde do marido, que espera um transplante de coração desde pouco antes da pandemia de covid-19 ter aparecido, tem adiado a viagem aos Açores.

“A terra fértil e a natureza caprichosa dos vulcões, a indústria da pesca, as vidas vividas rodeadas de água, a natureza sazonal da vida na ilha”, fascinam os autores que conhecem ou imaginam as ilhas que lhes foram contadas.

Esse caminho imaginário e a redescoberta das raízes nem sempre vem de onde se espera.

“Talvez uma das razões seja a tecnologia, que nos abriu uma avenida ou uma ponte para uma história de que não tinham noção anteriormente. Quem está na América e faz um teste de ADN, pode apontar a origem em muitas direções e criar uma nova curiosidade para explorar a identidade e a história familiar, o que é incrível”.

Antes disso, procurar “identidade e história familiar era sentar com um familiar, olhar para uma fotografia antiga, colocar questões, contudo, tanto ficou perdido na Ellis Island. Nomes mudados, famílias separadas pelo tempo, pela geografia ou razões financeiras”.

“Tantos imigrantes portugueses na Califórnia e na costa leste eram originalmente dos Açores, não do continente português, e pode ser complicado tentar localizar papéis antigos de paróquias pequenas, como registos de batismo ou até papéis de adoção.”

Para Millicent, a literatura preencheu uma lacuna que a família deixou.

“Eu sempre fui curiosa sobre de onde tinha vindo. O que eu sabia era que o meu pai tinha sido adotado pela avó materna e uma tia-avó quando era pequeno. Sabia que o nome dele tinha sido mudado de Baptista para Borges e que a família era da Terceira. Para além disso, as memórias eram confusas. O meu pai era um acólito em New Bedford e que tinha um tio Manny que trabalhava na construção civil”.

“A primeira língua do meu pai era o português, um dialeto açoriano, e ele sempre achou que tinha sido adotado para ser o guia turístico da avó, sempre que ela e a sua irmã nunca falavam inglês, por isso mandavam o meu pai à loja e levantar receitas na farmácia. Ele dizia que lia o jornal em voz alta para elas, depois de ter aprendido inglês na escola primária”.

Millicent Borges Accardi vive na Califórnia. Tem editados os livros “Only More So”, “Injuring Eternity” e “Woman on a Shaky Bridge”.

Recebeu várias bolsas de criação e investigação e colaboradora com edições como The Writers Chronicle, Association of Writers & Writing Programs, The Portuguese American Journal ou Portuguese-American Review.

Orçamento para 2022 da Câmara da Lagoa totaliza 12,9 ME

Aprovado por maioria na sessão ordinária da Assembleia Municipal, com 19 votos a favor do PS e sete votos contra da bancada da coligação "Lagoa Unida"

A Câmara da Lagoa aprovou por maioria o orçamento para 2022, no valor de 12,9 milhões de euros, disse a presidente do município lagoense, destacando tratar-se de um documento "realista".
"É um orçamento que está orçamentado em 12.915.000 euros, verificando-se uma diminuição de 1.374,723 euros face a 2021", indicou Cristina Calisto, em declarações à agência Lusa.
Segundo a Câmara da Lagoa, essa redução deve-se principalmente "à não existência de novas candidaturas a Fundos Comunitários, cuja data de abertura do novo Quadro ainda se desconhece".
A autarca da Lagoa sublinha que o documento para 2022 é "um orçamento realista feito com base na média das receitas dos últimos 24 meses".
"E, apesar de nós não termos neste momento nenhum quadro comunitário novo já em vigor e com avisos abertos, nem tão pouco saber que tipo de investimento é que nos podemos candidatar no âmbito do PRR (Plano de Recuperação e Resiliência), a verdade é que este é um orçamento que não descura as ações que são normais de serem realizadas a bem da qualidade de vida da população, nem descura os apoios às entidades que são parceiras no desenvolvimento local concelhio", sublinha.
O Plano e Orçamento camarário para 2022 da autarquia da Lagoa, foi aprovado por maioria na sessão ordinária da Assembleia Municipal, que decorreu no dia 16 de dezembro, com 19 votos a favor do PS e sete votos contra da bancada da coligação "Lagoa Unida", juntando PSD/CDS-PP e PPM, segundo adiantou a autarca.
Cristina Calisto realçou que o documento, "à semelhança dos anos anteriores, é um plano estudado e realista, por forma a responder com prontidão e eficácia às solicitações e necessidades dos lagoenses, em áreas fundamentais e essenciais para a qualidade de vida de todos os munícipes", nomeadamente a ação social, a educação e cultura, o turismo e lazer, o desporto e juventude e o ambiente.
"As nossas políticas são transversais a todas as áreas e temos dando grande importância às questões da educação, mas nunca descuramos os apoios aos mais carenciados", frisou a autarca à Lusa.
A presidente da Câmara Municipal de Lagoa adiantou que, "à semelhança dos anos anteriores, em 2022, não serão efetuados quaisquer aumentos de taxas e impostos, mantendo-se os valores da Derrama e do IMI, e a redução deste último para as famílias com dependentes a cargo".

FOTO DL

Verifica-se uma diminuição de 1.374,723 euros face a 2021

Prevê-se para 2022 "um acréscimo de investimento na área social de 12%, face a 2021", tendo a autarca destacado uma verba de "meio milhão de euros destinados à recuperação e beneficiação de habitações no concelho".
Nas áreas da educação e cultura, o documento contempla iniciativas diversas, cujos valores, para o próximo ano, rondam os 957.560,00 euros.
Para a Juventude, Desporto e Turismo e Lazer, o Plano e Orçamento para 2022 prevê um valor de 994.100,00 euros.
Na área do Ambiente, prevê-se "uma diminuição do investimento face a 2021, devido à finalização da candidatura realizada, este ano, para a aquisição do equipamento de recolha seletiva fornecido a todos os habitantes do concelho", mas a Câmara salienta que "várias iniciativas de ação ambiental irão decorrer no próximo ano".
Cristina Calisto referiu à Lusa que "a Smart City Lagoa e Modernização Administrativa, a recolha seletiva de resíduos do concelho e a circularidade da água por todos e para todos, são ações aprovadas", que estão "a decorrer e cofinanciadas por Fundos Europeus".
No âmbito do Plano e Orçamento, existem ainda ações a submeter e a serem cofinanciadas, nomeadamente no âmbito do PRORURAL+ para a introdução de equipamentos coletivos para a comunidade e à beneficiação de espaços públicos.
O Plano e Orçamento também contempla "dois grandes investimentos para o concelho", nomeadamente a conclusão do novo arruamento em Santa Cruz e o arranque da obra de beneficiação e requalificação do auditório Ferreira da Silva, espaço multicultural, na vila de Água de Pau.
Prevê-se, igualmente, a nova fase de valorização da Baía de Santa Cruz, a conclusão do novo espaço de estacionamento e Gabinete de Atendimento ao Munícipe – GAM, na freguesia do Rosário.
Cristina Calisto adiantou que, no âmbito da pandemia de covid-19, "foram também aprovadas medidas excecionais para 2022" direcionadas para as empresas e famílias.

Lusa/ DL

Musikando com o Tio Óscar

FOTO D.R.

Atividade abrangeu cerca de 250 crianças

No dia 22 de novembro, decorreram, no Nonagon, duas sessões do "Musikando com o Tio Óscar®" que, pela segunda vez, visitou as crianças da EBI de Lagoa, desta vez para um público mais alargado do que em 2019, fazendo as delícias das crianças e dos adultos presentes. Esta atividade, da responsabilidade da Biblioteca Escolar, abrangeu cerca de 250 crianças da Unidade Orgânica e teve o apoio da Câmara Municipal de Lagoa.
Tio Óscar® é um projeto musical voltado para a infância. É divertido, animado e tem uma componente educativa sempre presente.
O Tio Óscar® passa o tempo que pode a Musikar. Adora inventar novas canções e adora viajar. Passa a vida a correr de um lado para o outro à procura de inspiração e a fazer o que mais gosta. Às vezes sonha muito… outras vezes sonha ainda mais e é assim que vai pintando a música que faz com uma dose extra de irreverência e improviso.
Neste Musikando levou ao palco escolar um conjunto de surpresas sonoras com músicas originais e outras estórias cantadas. Nunca se percebe muito bem se a música do Tio Óscar é para as crianças ou para os adultos que as acompanham.

.

Equipa da Biblioteca Escolar
EBI de Lagoa/ DL

"Medos e Companhia"

Projeto escolar pretende ajudar as crianças a lidar com os seus medos

Durante o mês de novembro, nas aulas de Cidadania e Desenvolvimento, os alunos do quinto ano de escolaridade da EB 2, Padre João José do Amaral desenvolveram os projetos "Medos e Companhia" e "Bullying: Um dia na escola", em parceria com o Serviço de Psicologia e Orientação da Escola (SPO).
Apesar de o Bullyng, em contexto escolar, já ter sido abordado noutras ocasiões e a maioria dos alunos ter uma ideia do problema, nunca é demais abordar o tema de forma a alertar para possíveis situações que possam ocorrer e para a forma como devem atuar.
O projeto "Medos e Companhia" assumiu uma grande importância numa altura em que os medos habituais das crianças têm sido ampliados pela pandemia que teima em continuar entre nós. Muitas das nossas crianças encontram-se mais vulneráveis que habitualmente, mas têm dificuldade em falar sobre os seus medos. Este projeto abordou o tema de forma lúdica, (utilizando jogos pedagógicos) permitindo aos alunos identificarem os seus medos, falarem sobre eles, e aprenderem estratégias para os ultrapassar. Houve ainda momentos de partilha, cooperação, aprendizagem e muita diversão.

Susana Martins,
EBI de Lagoa/ DL

Celebrações na escola resgatam a magia do Natal entre os alunos

Neste ano letivo, a EBI de Água de Pau trouxe de volta a magia do Natal com muitas e variadas atividades, que ocorreram um pouco por toda a escola durante o mês de dezembro.
Com o lançamento do concurso de portas de Natal, o Conselho Executivo motivou o empenho de toda a comunidade escolar na decoração criativa de inúmeros espaços e reforçou o trabalho colaborativo e a aproximação afetiva, tornando a quadra mais emocionante sem abrir mão dos cuidados da pandemia.
Também na biblioteca escolar se fizeram várias comemorações natalícias, graças ao projeto "Experiências com Letras" da RRBE, que trouxe às turmas do quarto e do sétimo ano a magia especial da Rainha das Neves e do Harry Potter em experiências imersivas de aprendizagem e diversão.
Os mais pequeninos do ensino pré-escolar tiveram oportunidade de partilhar os seus sonhos de Natal na festa com o Clube de Teatro "Rua da Lua", após a apresentação de uma peça natalícia. "Ninguém dá prendas ao Pai Natal" foi o conto de Ana Saldanha escolhido para levar à cena, no dia 6 de dezembro, uma história que sublinha a importância dos pequenos gestos, que até o Pai Natal aprecia.
A felicidade em pequenos gestos e momentos foi assim a grande mensagem da escola para resgatar a magia do Natal, tão essencial nestes tempos difíceis.

FOTO D.R.

Crianças do ensino pré-escolar partilharam os seus sonhos

Sónia Ferreira
EBI de Água de Pau/ DL

EBI de Água de Pau recebe a presidente da ilha de Reunião

Huguete Bello visitou a ilha de São Miguel e esteve na vila pauense

FOTO D.R.

Foi manifestado o interesse em aprofundar as relações entre os Açores e a ilha de Reunião

A presidente da região da Reunião, Huguete Bello, que veio aos Açores para participar na Conferência da Regiões Ultraperiféricas da União Europeia, visitou, a EBI de Água de Pau, acompanhada do subsecretário regional da Presidência, Pedro Faria e Castro, e da diretora regional da Administração Educativa, Sandra Faria. Durante a visita ficou a conhecer o funcionamento da escola, as metodologias de ensino, os espaços e os projetos, tendo sido destacado o Clube Europeu, cujo coordenador apresentou as atividades desenvolvidas com o objetivo de os alunos conhecerem melhor a União Europeia, as suas políticas e instituições. A presidente Huguete Bello ficou muito agradada pela forma como foi recebida na escola e manifestou o seu interesse em aprofundar as relações entre os Açores e a ilha de Reunião [que fica ao largo do continente africano], através de projetos e de parcerias entre as duas regiões sobretudo no âmbito da educação e da juventude.

José Carlos Pereira
EBI de Água de Pau/ DL

PUB.

Diário da Lagoa

PUBLICITE A ATIVIDADE DA SUA EMPRESA
NO DIÁRIO DA LAGOA E **GANHE VISIBILIDADE**
DA LAGOA PARA O MUNDO

In search of the uncertain - PROJETO ISU

Lúis Filipe Machado

O Clube de Geocaching da Escola Secundária da Lagoa ESL) está, desde setembro de 2021, a organizar um projeto relativo ao Espaço e à Ciência, denominado ISU - In the search of the uncertain. Desde o 1º período e até final de 2021 este projeto foi estruturado e submetida, às entidades competentes (ESA e NASA), uma candidatura para contato com os astronautas em missão na ISS (Estação Espacial Internacional). Foram desenvolvidas várias parcerias, nomeadamente com: o Clube de Robótica da ESL, o Expolab, o OASA, a Anacom - Açores, a Câmara Municipal da Lagoa, a Câmara Municipal de Ponta Delgada, o Governo Regional dos Açores (através da EMA Space) e a Presidência do Governo Regional dos Açores. Este projeto também conta com o apoio e colaboração da ESERO – Ciência Viva. O projeto teve o seu início, de forma inesperada, em novembro, com a participação de dez professores do Clube na Conferência Internacional sobre o Espaço (promovida pelo Governo Regional dos Açores) e com a visita, de surpresa para os alunos, à escola do astronauta Danny Oliver. Está prevista a realização de mais quinze atividades/eventos, relativos ao Espaço, durante este ano letivo e no próximo ano letivo com a realização de uma visita de estudo, para o exterior de S. Miguel e, finalmente, o contato com a ISS. Algumas das atividades que irão ser realizadas neste ano letivo são: visita ao OASA (com alunos do secundário), visita ao Expolab (com alunos do 3º ciclo), observação solar no Dia Internacional do Sol, , visita à ESL de várias turmas de outras escolas do concelho de Lagoa para participação na Feira da Física e Ciência, realização de uma atividade sobre robótica, realização de seis conferências alusivas ao espaço e realização de uma formação certificada, para professores, sobre a "Física e o Espaço". Este é um projeto, com grande implantação na comunidade, e interdisciplinar.

Emigrante lagoense gasta mais de dez mil dólares em prendas para crianças do concelho

Iniciativa decorreu este no salão paroquial de Santa Cruz. José António Silva quer dar às crianças os mimos que não teve possibilidades de ter na sua infância de pobreza

CORTESIA JFSC

Entrega de prendas decorreu no salão paroquial da Matriz de Santa Cruz

FOTO DL

José António tem 66 anos e trouxe cerca de 300 prendas para São Miguel

MARIA LEONOR BICUDO

Desde 2016, o Pai Natal do Canadá é presença assídua na Lagoa. Chama-se José António Silva e já é tradição vir da cidade de Kingston, em Ontário, para se vestir de pai Natal e distribuir prendas pelas crianças do concelho onde nasceu.

Nesta viagem anual vem com a companheira Jodie, que também se traja de mãe Natal. José António, conhecido por Joe em virtude dos 44 anos que está emigrado, não traz um saco cheio de lindas prendinhas. Traz antes três malas de viagem bem recheadas. Cada prenda é comprada pelo casal: aquelas que são para meninas ficam a cargo de Jodie e as para meninos são escolhidas por Joe.

Quando começou esta iniciativa em 2016, fazia 38 anos que não pisava a terra que o viu nascer. "Quis fazer isso cá porque é a minha terra natal. Quando saí da tropa aos 22 anos fui direto para o Canadá e nunca mais voltei", revela o emigrante.

"Sabia que havia muita pobreza no bairro de pescadores, por isso distribuí presentes lá. Estava a pensar repetir no ano seguinte em Rabo de Peixe, porque é uma vila muito grande e também pobre, mas uma senhora viu-me e sugeriu que eu fizesse em Santa Cruz. Eu disse que se me convidassem eu ia. Então o presidente da junta ligou-me e fui. Agora continuamos a fazer", explica.

No salão paroquial da Igreja Matriz, as crianças faziam fila para receber o seu presente vindo diretamente do Canadá. "Eu nem pegava nos presentes para lhes dar, eu dizia para tirarem. Depois, se eles não gostassem, a culpa não era minha", relata Joe, rindo.

No entanto, este Pai Natal acredita que as crianças apreciaram o que lhes coube. "Eu ouvi uma menina a gritar e até pensei que ela tinha caído. Afinal era de alegria quando abriu o embrulho e viu que era um ursinho de peluche. Por isso acho que gostaram e tenho recebido mensagens a agradecer", assegura.

Apesar da afluência, o lagoense esperava mais gente. "Queria que tivessem estado mais crianças em Santa Cruz, porque trouxemos bastantes presentes. Nós não viemos com dez ou 15 pacotes… Viemos com 300. E ainda oferecemos candies a cada um", conta o homem de 66 anos.

Este é um projeto que Joe e Jodie levam a cabo por conta própria, sempre sem pedir nada em troca. "São presentes de 30 dólares. Paguei para cima de dez mil dólares para os comprar e trazer para cá. Não é nada barato, mas faço porque quero e não estou arrependido", manifesta o emigrante.

Uma infância de pobreza e uma adolescência de trabalho no mar e em terra

Apesar de ser algo que envolve muito dinheiro, José António fá-lo com gosto, recordando o tempo em que, em criança, não tinha possibilidade de ter presentes. "Éramos nove filhos e passávamos fome... Eu cheguei a roubar para matar a fome. A minha mãe chorava porque nós não tínhamos nada. No Natal rezávamos de joelhos em frente à chaminé para ter um presente. O meu tio mais novo que vivia connosco é que dava uma cometa a cada um. Então lembro-me que as crianças sempre gostam de um mimo".

Quando começou a trabalhar, como mergulhador e carpinteiro, a vida começou a compor-se. Com outras posses já podia proporcionar um Natal diferente aos irmãos. "Eu quando estava cá levava o ano a comprar presentes para a minha família. Quando chegava ao Natal estava um monte de presentes debaixo da árvore. E era tudo eu que dava", lembra o lagoense.

Sempre gostou de dar e de ajudar. "Quando era carpinteiro criei uma empresa que se chamava 'companhia dos reformados', porque eu pegava nos homens velhotes a quem já ninguém queria dar trabalho", refere, acrescentando que não era um trabalho de que precisasse porque "com o peixe que apanhava conseguia dinheiro para a semana toda. Mergulhava todos os dias das 6h às 10h".

Emigrar para o Canadá: gerir uma empresa em seis meses e puxar a família para o país em três anos

Entretanto, na altura, uns primos emigraram para o Canadá e Joe acabou por ir depois também. Quando chegou ao outro lado do Atlântico recebeu a alcunha de "sabe tudo" por saber fazer tudo o que lhe pediam no trabalho de construção e em seis meses começou a gerir a empresa inglesa que o contratou.

Durante os primeiros três anos a viver no Canadá conseguiu que toda a família emigrasse para lá. "Mas isso é para quem tem gosto, que eu vi muitos emigrantes no Canadá, com a família nos Açores, a implorar para os mandarem para lá e eles não conseguiam. São cinco mil dólares para fazer uma carta de chamada e eles podem aceitar ou não. E as pessoas têm medo de investir porque é muito dinheiro. Mas eu investi e puxei a minha família. Estão todos casados e já têm filhos", expõe.

Com uma vida muito mais estável do que a que levava em São Miguel, abriu uma empresa de construção por conta própria, onde trabalhou até se reformar. "E quando me reformei abri com a Jodie outra empresa, a Amour Bath Bombs, de cremes para senhora. E temos tido muito sucesso nisso", menciona José António.

Emigrante gostava de fazer investimentos nos Açores, mas burocracia desanima-o

Empreendedor como é, negócios na ilha não estão fora dos planos, até porque muitas vezes se recorda da sua infância na Lagoa como momentos passados na Poça da Ralhoa, na Baía de Santa Cruz, ao lado da casa que era dos seus pais e onde ainda fica quando vem de visita.

Tem vontade de investir nos Açores, porém a burocracia excessiva desanima-o. "Eu tenho boas ideias, mas eu comparo Portugal ao Canadá e é tudo muito diferente… Onde é que já se constou ser preciso autorização até para mudar as telhas da minha casa?", interroga.

Abrir lojas de vestidos de noiva em vários concelhos é um dos muitos projetos que idealizou. "Eu trouxe 78 vestidos, mas não consigo avançar. Vestidos que comprei a 20 mil dólares para vender cá por mil, mas não dá. Por isso eu estou esmorecido…", confessa Joe.

Habilitado a ministrar cursos de mergulho, abrir um negócio do ramo na ilha também era um sonho do empresário. "Tenho o material todo para dar as aulas cá: uns dez fatos e umas 20 garrafas de mergulho. Mas se para mudar as telhas da casa demorou a ter autorizações, para abrir um negócio pior. No Canadá não precisamos de nada disso e é um país mais evoluído. Vocês chamam isso democracia? Isso para mim mais parece comunismo", conclui, acrescentando que "aqui ainda há muita coisa por mudar e por fazer. Gostava de investir cá, mas devido às regras não consigo".

José António planeia começar a passar o verão no Canadá e o inverno em São Miguel, onde não neva. Por enquanto, aproveita dezembro e janeiro para passar férias na Lagoa, na casa que ajudou a construir na adolescência.

RoberTo MedeirOs

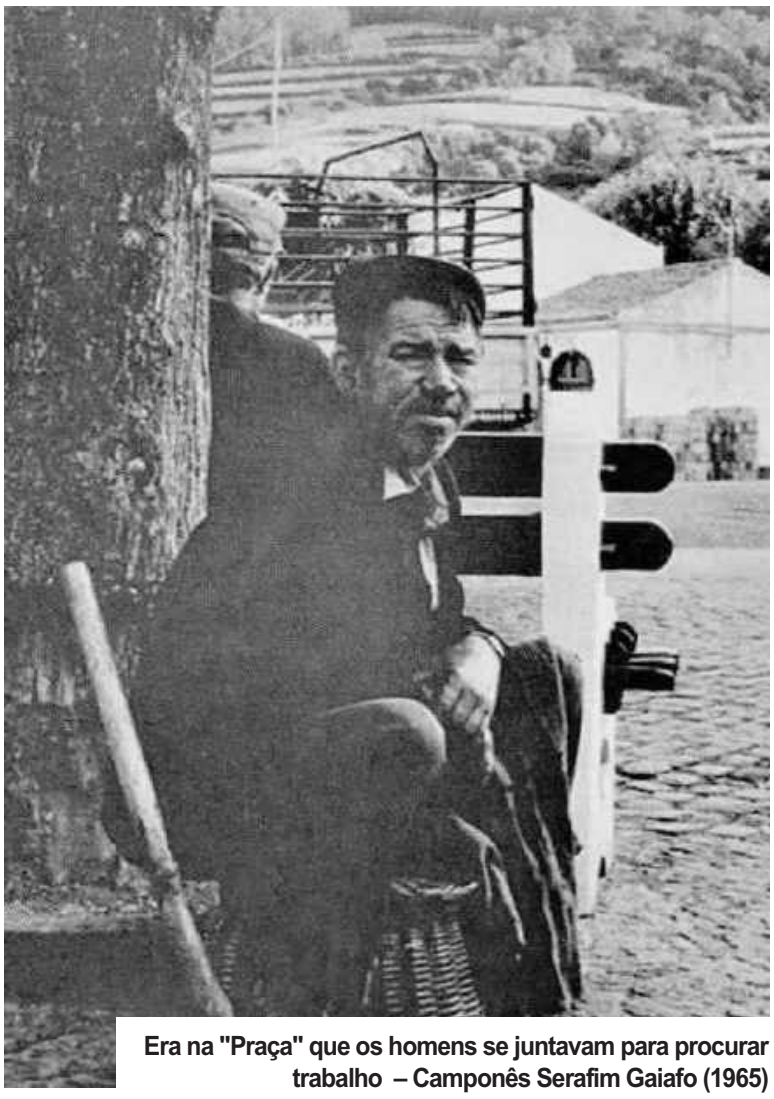
Vozes na rua, envelhecidas!

(...) em viagem pelo tempo na minha Vila de Água de Pau

FOTOS D.R.

Era pela Praça que tudo passava, procissões, cortejos de oferendas e do Espírito Santo (1966)

Hoje quando cheguei à Praça de Água de Pau apoiei-me à parede de um edifício e pareceu-me ouvir vozes na rua, envelhecidas! Fechei os olhos e lá estavam, passeando-se no meu pensamento. Surgiu-me então motivação para recordar-me de pessoas desta terra que conheci ou ouvi falar dos seus feitos, durante os antigos serões de família, no canto da rua da Carreira e nas Praças Nova e Velha da minha Vila de Água de Pau.
Recordo-me que era gente de saber de quase tudo; de mexer na terra, de falar das pescas, de saber fazer uma esparrela pra apanhar canários, de saber contar histórias, e, que me ensinaram como é bom conhecer a razão de tudo e das coisas que nos rodeiam.
Quando hoje penso nos tempos que já lá vão, nas pessoas com quem eu me criei, brinquei e pintei-o-corisco na minha mocidade maravilhosa, recordo os meus amigos antigos. Por onde andarão os que nunca mais vi? ... o Roberto «marrão», o João «ratão», o Jorge «braz», o Virgínio «arrepiado», o «ningrinhas», o «pim-de-leite» e tantos outros. Sabe-se lá! … andaram na mesma escola que eu andei até que… eu fui para a cidade estudar e muitos deles emigraram. Hoje toda gente "estuda". Naquele tempo não passávamos de 10 na nossa terra a apanhar a camioneta do Varela conduzida pelos motoristas José Viveiros ou Mariano de Lima, na carreira das sete que vinha da Vila Franca ou na do Manuel Canadi que saía às sete e meia mesmo da Praça d'Água de Pau..
Dos que emigraram, no início e meio da década de 1960, passados menos de dez anos, alguns regressaram à terra, por altura da festa da Quirida Senhora dos Anjos, no mês de Agosto.
Nalgum tempo, em que os primeiros emigrantes voltaram a Água de Pau, um "dólar" americano valia 27$50 (vinte e sete escudos e cinquenta centavos). Era uma folia vê-los com poucos "dollars" na algibeira, fazerem-se de ricos nos cafés e tabernas da Praça.
Uma cerveja custava 2$50 o que era o mesmo que dizer que se um emigrante entrava no café-e-casa-de-pasto (nunca percebi porque davam este nome a um restaurante) do senhor Guilherme D'Arruda, bastava-lhe um dóllar, para pagar uma rodada a 11 pessoas, ou seja, a todos os que por lá andavam "à gosma" duma cervejola.
Todos entravam na "corrida" mesmo os que já lá estavam ainda em viagem da última bebedeira, da semana passada ou do dia anterior, se não fosse já daquele mesmo dia até!
Como dizia, todos entravam na rodada, pois ver "gente-alegrinha" era uma das satisfações dos nossos emigrantes. É como se dizia antigamente – não faltavam caídos sempre à espera dos emigrantes na Praça, quer do lado de fora, quer do lado de dentro dos cafés.
Nesse tempo, Água de Pau tinha a fama de ter o famoso vinho de cheiro da Caloura, mas os "caídos" estavam fartos de "levantar-Nosso-Senhor" (copos-de-vinho), durante todo o ano, que mal chegavam os emigrantes para as festas de agosto, antes da vindima, ninguém bebia já vinho velho. Eram as cervejolas que faziam "função-de-goela" dos "caídos" pela Praça.
Nem vou falar aqui dos nomes dalguns caídos, para ninguém cair da cadeira, quando lesse os mais curiosos nomes de como eram conhecidos à boca-cheia os ditos amigos da Praça. Eram engraçados os nomes apenas e muito típicos na maneira de identificá-los na nossa terra. Só recordo dentre tantos o do Serafim «gaiafo» ou «chonina», porque se publicou aqui a sua foto. Um impulso traz-me à memória também o Zé da Ti-Glória «giganta», o homem dos marrãos. Parecia-me vê-lo, como se fosse hoje, a entrar na Praça pelo Largo do antigo Barracão. Trazia segurando numa das mãos duas "guitas" de linho-de-russo, à volta do pescoço de dois marrãozinhos que alguém tinha comprado no improvisado campo-dos-porcos, na velha e terreira Canada da Espiga. O Zé da Ti Glória «giganta» era o portador da marrãozada para as casas daqueles que os compravam aos vendilhões que os traziam em seirões de vime da Ribeira Grande para Água de Pau, nas manhãs de domingo. As suas gritadas soavam-me no juízo ainda, recordando-me da maneira como ele desasava os coitados dos marrãozinhos, com uma vardasca de vime, malhando dum lado e do outro, das focinheiras, encaminhando-os para a rua dos Ferreiros, para a casa do "Mané Rebê-grande", que era quem os tinha comprado e ia pagar ao Zé da Glória um quartilho de vinho de cheiro na Casa Benfica, pela tarefa desempenhada.
Naquele tempo aqueles amigos ou caídos encostavam-se às paredes dos cafés e das tabernas. Hoje, quem se encosta às paredes na Praça já não são os caídos são os descaídos, sem trabalho ou sem interesse no trabalho ou então, e também, a conviver na Praça, que é uma prática muito antiga também desta terra – viver e conviver fora-de-portas!
Antigamente essa tradição de viver e conviver fora-de-portas e ter sempre gente na Praça, durante o dia, ganhou força porque as famílias eram numerosas para casas pequenas. Apenas coabitavam juntos nas horas das refeições, ou à noite, bem entendido. Assim que amanhecia… "ála toda a gente p'rá rua"; crianças p'rá escola, rapazinhos pró campo desviar-praga nas sementeiras desde a Amoreirinha ao Pisão, que é como quem diz de ponta-a-ponta da nossa vila.
Os rapazes iam para as indústrias de vimes, os homens iam para o campo dar (ao corpo) uma semana ou um dia de trabalho nas terras dos agricultores. Já as raparigas iam para a costura nas Henriques, para as vindimas, para as desfolhadas de milho, para as fábricas de cordas de linho-de-russo (espadana) e outros ofícios domésticos.
Os nossos pescadores, recordo-me, também tinham de ir para a Caloura sempre em grupos de mais de duas "companhas" para ajudarem-se mutuamente no varar e recolher das embarcações a braços, pois ainda não havia o guincho elétrico para puxar as embarcações que regressavam com peixe.
Recordo-me dos gritos-de-ordem alucinantes do Arménio Pacheco pescador, pois os mesmos ecoavam na rocha da Caloura e espalhavam-se, ouvindo-se muito bem no Castelo, Portela e Cinzeiro da Caloura.
Desperto de tudo isso porque, entretanto, alguém buzina seu carro e traz-me de volta à realidade, numa Praça diferente, cuja função continua a fazer a sua histórica. Mas, agora com outras pessoas, com algumas das que antigamente a conheceram provavelmente. Depois ainda ouço um chaprão qualquer dizer – "acorda pá vida rapaz!"…e lá me fui embora para a minha Caloura!



Era na "Praça" que os homens se juntavam para procurar trabalho – Camponês Serafim Gaiafo (1965)

Obituário

Água de Pau

Maria do Carmo S. Sales
Nasceu 18-03-1943
Faleceu 27-12-2021

Cabouco

Alda M. R. Tavares Sousa
Nasceu 01-04-1947
Faleceu 23-11-2021

Rosário

António Ventura
Nasceu 09-03-1942
Faleceu 24-12-2021

Lúcia de Fátima Pacheco
Nasceu 10-03-1998
Faleceu 22-11-2021

Manuel Martinho da Costa
Nasceu 15-11-1929
Faleceu 09-12-2021

Maria do Carmo
Nasceu 10-02-1929
Faleceu 25-12-2021

Santa Cruz

José F. Pacheco Pereira
Nasceu 24-09-1945
Faleceu 18-12-2021

Mário Rui Ferreira Miranda
Nasceu 09-12-1972
Faleceu 08-12-2021

Rosa do Carmo G. M. Arraial
Nasceu 13-10-1946
Faleceu 01-12-2021

FUNERÁRIA CARVALHO

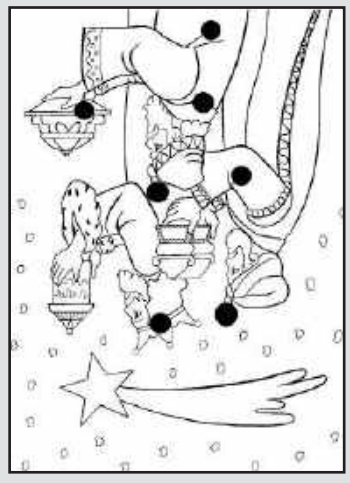
LER É SABER MAIS!

DE FORMA SEGURA E SEM O VÍRUS DA DESINFORMAÇÃO

Passatempo

Descubra as sete diferenças

Solução



Horóscopo

Carneiro (21/3 a 20/4

Amor: a relação afetiva atravessa uma fase decisiva e vai ter de tomar decisões definitivas, mas desagradáveis. No entanto, mantenha a serenidade. Trabalho: perspetivam-se algumas dificuldades que devem ser enfrentadas com coragem e criatividade. Aliás, se necessitar, peça ajuda especializada.

Touro (21/4 a 21/5)

Amor: durante este período, possivelmente, vai encontrar os apoios que necessita para poder avançar com planos compatíveis com os seus interesses. Trabalho: prevêem-se excelentes progressos na carreira e tudo indica que vai alcançar os resultados pretendidos. O setor económico está protegido.

Gémeos (22/5 a 21/6)

Amor: sentirá maior vontade de criar alicerces sólidos. Provavelmente vai descobrir que tem capacidade para renovar a sua vida sentimental. Trabalho: o seu poder de comunicação está bastante enfatizado. Aproveite a sua facilidade de argumentação para estabelecer acordos ou negociações.

Caranguejo (21/6 a 23/7)

Amor: essa é uma etapa marcada por obstáculos familiares que podem terminar em rompimento. De qualquer forma, não tenha medo de encarar a verdade. Trabalho: pode construir o seu futuro, porém, tente saber o rumo que deseja seguir de modo a conseguir avançar em segurança.

Leão (24/7 a 23/8)

Amor: momento favorável para sentir muita paz e harmonia em todas as questões relacionadas com o ambiente do lar. Todavia, mostre todo o seu amor. Trabalho: pode esperar uma franca expansão na carreira, mas cabe a si tomar iniciativas e tirar o melhor proveito dessa conjuntura de crescimento.

Virgem (24/8 a 23/9)

Amor: evite a tendência para intelectualizar os seus sentimentos e tente desenvolver um relacionamento amoroso mais caloroso, sensível e romântico. Trabalho: a sua atenção está mais voltada para as questões profissionais e tudo indica que de facto vai conseguir reestruturar o campo financeiro.

Balança (24/9 a 23/10

Amor: começa um ciclo auspicioso que anuncia transformações na sua vida. Use a sua fluidez mental que está acentuada para fazer escolhas radicais. Trabalho: essa é uma altura propícia para reorganizar o seu trabalho. Daqui em diante, surgirão apoios inesperados que lhe trarão muitas vantagens.

Escorpião (24/10 a 22/11)

Amor: inicia-se uma temporada agradável e profícua. Sente no seu lar a estabilidade e o carinho que precisa para aumentar o seu agregado familiar. Trabalho: talvez sinta vontade de partir para uma nova aventura que lhe traga benesses económicas. Por outro lado, vai cumprir as suas obrigações.

Sagitário (23/11 a 21/12)

Amor: Faça uma pausa e adote um comportamento tolerante e tranquilo. Se está realmente disponível, pode iniciar uma paixão arrebatadora. Trabalho: É tempo de refletir seriamente acerca das suas verdadeiras motivações. Eleve os seus conhecimentos para poder atingir os seus objetivos.

Capricórnio (22/12 a 20/1)

Amor: esta é uma fase em que alguns familiares próximos podem causar-lhe um desgaste em termos psicológicos. Mas, mantenha a calma, tome decisões. Trabalho: ocasião certa para refletir sobre o percurso da carreira. Tenha cuidado para que o cansaço não se transforme em desmotivação.

Aquário (21/1 a 19/2)

Amor: qualquer tipo de relacionamento pode ser desenvolvido de forma despreocupada de maneira a poder manter o foco em outras matérias da vida. Trabalho: Os novos encontros podem trazer-lhe uma oportunidade inesperada, mas sólida e concreta, mas cabe a si aproveitar essa ótima conjuntura.

Peixes (20/2 a 20/3)

Amor: O amor funciona na base da compreensão de ambos os elementos do par. Deste modo, vai conseguir vivenciar a sua faceta apaixonada e romântica. Trabalho: Se precisar, ouça as opiniões de pessoas experientes que lhe possam ajudar a descobrir as suas aptidões e a tratar dos assuntos práticos.

Astrólogo
Luís Moniz

Consultas presenciais e online

E-mail: rikinho-astro@hotmail.com
Site: http://meiodoceu-com-sapo-pt.webnode.pt/

São Miguel à vista

Torreão na Fajã de Baixo © Maiuka (Manuel Carreiro), Associação Vadios Azores Sketchers

Diário da Lagoa

NOTÍCIAS DIÁRIAS ONLINE

www.diariodalagoa.pt

Novo arruamento em Santa Cruz

António Augusto Borges
Ex. Autarca da Freguesia de Santa Cruz

O novo arruamento em Santa Cruz, vem reforçar a identidade desta freguesia enquanto berço da Cidade da Lagoa, e fortalecer as suas componentes em termos de património cultural.
Como santacruzense e enquanto ex-autarca desta freguesia, desde a primeira hora manifestei o meu total apoio e empenho na realização desta obra, consciente que a mesma seria, e, é uma infraestrutura absolutamente estruturante, de enorme importância e um anseio antigo da população local.
Assim, quero publicamente manifestar o meu regozijo pela concretização da mesma.
Além da valorização funcional e espacial das zonas intervencionadas, no caso concreto e fruto deste novo arruamento, a fluidez no acesso direto à Estrada Regional, em sentido único por parte do trânsito, de realçar, o estacionamento com capacidade para cerca de 100 viaturas, que ficará disponível para quem nos visita e faz questão de marcar presença nos eventos de cariz cultural e religioso, que são promovidos no centro histórico da freguesia.
É sem dúvida um marco histórico do património edificado do nosso concelho. Esta obra não deixa de honrar e de atribuir o devido valor ao papel de excelência de espaço público do nosso polo cultural e ex-líbris o Convento dos Frades, que o mesmo sempre teve na vida dos habitantes da freguesia, do concelho e da ilha.
Esta obra será simultaneamente uma mais-valia para as grandiosas Festas de Santo António, a maior manifestação popular da Cidade da Lagoa, que assim garante melhores condições, para promover as diversas atividades e eventos de carater cultural, desportivo e recreativo.
A realização desta obra não foi fácil, como não é fácil a concretização de todo e qualquer projeto que exija consideráveis investimentos, falo com conhecimento de causa, pois nos anos que presidi à Junta de Freguesia de Santa Cruz, sempre tive esta ambição, este desígnio como meta, embora consciente dos constrangimentos que a mesma acarretaria às famílias de Santa Cruz, uma vez que os terrenos em causa, nomeadamente agrícolas, na altura eram um meio e uma fonte de subsistência destas gentes, logo àquela data era absolutamente inoportuno avançar com esta obra.
No entanto, não deixei de manifestar e diligenciar ao longo dos anos, junto do elenco camarário, para que quando fosse viável, avançar com este processo, desde que as famílias arrendatários ou que cultivavam estes terrenos fossem salvaguardadas, e esta seria uma obra de todo fulcral para o desenvolvimento de Santa Cruz e do concelho da Lagoa.
As dificuldades não nos podem demover, nem nunca nos demoverão de fazer aquilo que é verdadeiramente importante e necessário, para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes de Santa Cruz e do concelho da Lagoa.
Indubitavelmente, o surgimento desta infraestrutura no seu todo, vem e muito dar um largo contributo à melhoria de vida dos locais, bem como, tornar ainda mais atrativa a freguesia de Santa Cruz, reforçar a sua centralidade e cimentar a sua identidade a nível histórico, cultural e religioso na Cidade da Lagoa.

Diário da Lagoa

Propriedade/ Editora
Narrativa Frequente Unipessoal, Lda.
NIPC 515752304
Capital Social
1.000,00 €
Detentores de mais de 5% do capital social
Clife Botelho (100%)
Sede Rua do Espírito Santo, 6A
9560-079 - Lagoa, Açores
Registo ERC 126473
Deposito Legal 402139/15

Fundador
Norberto Silveira Luís
Diretor
Clife Botelho (TE742 A)
Redação
Inês Linhares Dias (7904 A)
Maria Leonor Bicudo (1115 A)
Sofia Magalhães (Estágio)
Colaborações nesta edição
António Augusto Borges, Equipa da Biblioteca Escolar (EBI de Lagoa), Funerária Carvalho, José Carlos Pereira (EBI de Água de Pau), Luís Filipe Machado (Clube de Geocaching ESL), Maiuka (Manuel Carreiro) da Associação Vadios Azores Sketchers, Roberto Medeiros, Susana Martins (EBI de Lagoa), Sónia Ferreira (EBI de Água de Pau), Luís Moniz.
Direção Comercial
João Medeiros
Periodicidade Mensal
Tiragem 1.000 exemplares
Sede da editora e redação
Rua do Espírito Santo, 6A
9560-079 - Lagoa, Açores
Telefone (+351) 910 098 100
Redação diariodalagoa@sapo.pt

Anúncios publicidade@diariodalagoa.pt
Estatuto Editorial disponível em
diariodalagoa.sapo.pt/estatuto-editorial/
Impressão
Coingra - Companhia Gráfica dos Açores, Lda.
Parque Industrial da Ribeira Grande, Lote 33
9600-499 Ribeira Grande
São Miguel, Açores
"Os conteúdos dos artigos de opinião, aqui publicados, são da responsabilidade de quem os assina. Anúncios e parcerias são da responsabilidade dos respetivos anunciantes ou parceiros, salvo erro tipográfico."